



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/181>

DOI: 10.18554/rs.v3i1.181

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2011 by Universidade Federal do Triângulo Mineiro. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

O CORPO DOS BONECOS: FIGURAS MASCULINAS SOBRE O OLHAR DA LINGUAGEM

THE BODY OF THE DOLLS: FIGURES OF MALES IN THE LOOKING OF LANGUAGE

Alessandra Rodrigues Santos (PG – UNICAMP)

alessandrarsantos@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva compreender o funcionamento e os processos de produção de sentido que dizem respeito aos corpos dos bonecos que representam figuras de homens adultos, tais como Ken e Max Steel. Em nosso estudo, consideramos o corpo dos bonecos como materialidade discursiva, que tem uma história que o produz de determinada forma e não de outra. A discussão é sobre o corpo que se vende por meio dos bonecos, como material simbólico, inscrito por/na linguagem, constituído de aspectos historicamente determinados, que se sustenta em discursos conflitantes e importantes na construção de identificações. Ao longo da história, ocorrem movimentos de repetição, deslocamento e reformulação de sentidos e formas, e o modelo padrão de corpo passa a ser atravessado por discursos da medicina, da estética, do político e mesmo do religioso. A partir da análise dos bonecos mencionados e de outras materialidades a eles relativas (filmes, livros, imagens etc.), procuramos compreender como seus corpos foram se modificando ou não durante a história, materializando em suas próprias formas esses discursos sobre o corpo na história.

Palavras-chave: corpo, bonecos adultos, Análise do Discurso

Abstract: This study aims to understand the operation and production processes of meaning that relate to the bodies of dolls that represented adult males, such as Ken and Max Steel. In our study, we consider the body of the dolls as a discursive materiality, which has a history that produces a certain way and not another. The discussion is about the body that is sold through the dolls as symbolic material, inscribed by / in the language, made up of historically determined aspects, which relies on conflicting discourses and important in the processes of identification. Throughout history, there are repetitive movements, shift and reshaping of meanings and forms, and the standard model of the body passes to be crossed by discourses of medicine, esthetic, political and even religious. From the analysis of the figures mentioned and other material

relating to them (movies, books, pictures, etc..) seek to understand how their bodies were changing during the story or not, materializing in their own ways these discourses about the body in history .

Keywords: body, adult dolls, Discourse Analysis

1. INTRODUÇÃO

Contemporaneamente o corpo tornou-se objeto de vários estudos, sobretudo no que diz respeito às características biomecânicas e fisiológicas. Encontramos por exemplo, estudos que se ocupam de questões a ele relacionadas e que se referem os processos de identificação, culturais, fílmicas e literárias. O diálogo com estes estudos é de grande valia para nosso trabalho, que também aborda o corpo, mas por outra perspectiva: a da linguagem. O olhar sobre o corpo pelo viés dos estudos da linguagem, entretanto, tem tido poucas contribuições.

O corpo via perspectiva da linguagem, ou seja, a busca pela compreensão do corpo funcionando como linguagem pelo/no discurso é uma reflexão que pretendemos desenvolver nesse estudo. Para tanto, abordaremos o corpo no âmbito da Análise de Discurso, com referência aos trabalhos de M. Pêcheux e E. Orlandi e S. Hashiguti, principalmente, e seus atravessamentos com os textos de Michel Foucault e Jean Jacques Courtine, por exemplo. Ou seja, trataremos o corpo a partir de uma concepção que vai além das características biomecânicas e fisiológicas, passando a compreendê-lo também como material de linguagem que, sobretudo produz sentidos e é significado pela sua especificidade material (nesse sentido, principalmente por sua visibilidade) em sua relação com a história. Visamos abordá-lo tomando como material de análise os bonecos de corpos adultos, tais como Ken e o Max Steel.

Nosso ponto de partida é a observação desse material com o objetivo de compreender como as suas formas se mantêm ou se modificam ao longo da história, se são afetados pelos discursos e pelas tecnologias e como nos afetam. Sua eleição como material de pesquisa se deve ao fato de serem brinquedos comuns, de grande circulação no Brasil e em vários outros países, há vários anos e que são, dessa maneira, produtos de consumo muito significativos.

Tomamos os corpos dos bonecos como materialidade importante na construção de identificações sociais, como material simbólico cujas formas são efeito e sustentação de

diferentes discursos. Consideramos o corpo “como espaço de injunção, materialidade simbólica não-verbal que funciona na interface com o verbal.” (HASHIGUTI, 2008).

2. ANÁLISE DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA MATERIALISTA

Para a realização de nosso trabalho, filiamo-nos na Análise de Discurso, datada do século XX com Michel Pêcheux, na França, e posteriormente, desenvolvida por vários pesquisadores no Brasil. Um de seus principais aspectos é o de teorizar e analisar a linguagem, pelo seu *funcionamento* (deslocando-se da posição de outras disciplinas que focam seus estudos na função), bem como pelos processos de significação. A chave desta área não está em investigar *qual é o sentido*, mas *como* ele foi produzido. É exatamente *como* o corpo dos bonecos adultos funciona ao longo da história e como essa materialidade é determinada pela ideologia que nos interessa.

A Análise de Discurso é uma disciplina de linguagem, que visa seu aspecto dinâmico, e para tanto, parte do estudo de seu objeto próprio, o *discurso*. A partir do conceito de discurso, esta disciplina trabalha ainda com os conceitos de sujeito inconsciente e de língua como materialidade simbólica e histórica, no sentido de ter um exterior que lhe é constitutivo. É importante ressaltar que o conceito de discurso não se equipara a noção de fala de Saussure, nem se confunde ao sentido de que a partir da interlocução entre dois falantes tem-se uma mensagem linear, transparente, e transmissão direta de sentidos. O discurso, como efeito de sentidos entre interlocutores, “é a língua na sua relação com a história, atravessada pela ideologia e falada por sujeitos que são posições discursivas, e não indivíduos do cogito.” (HASHIGUTI, 2008). A Análise de Discurso, portanto, se pauta na reflexão dos processos de produção de sentido, de relações interpessoais e do próprio sujeito, esse que é constituído na relação linguagem/história e interpelado pela ideologia.

3. HISTÓRIA E SENTIDOS DO CORPO

Refletindo sobre o corpo humano, analisando, sobretudo a trajetória de seu conceito ao longo dos séculos é notável a mudança de sentidos dados a este: desde sagrado a profano; de monstruoso a ideal; como instrumento de luta e política e como marca determinante de origem, gênero e classe social. Tantos sentidos diferentes justificam-se pelo fato de o corpo estar inscrito por/na linguagem, dado o seu caráter

dinâmico e devido ao atravessamento de diversos discursos (religioso, médico/genético, higienista, moral e social, estético) que o fazem ser significado diferentemente.

Além disso, o corpo como produtor de sentidos mantém relação direta não só com a história e a ideologia, mas com o próprio sujeito, por ser seu suporte material, possibilidade biofisiológica de existência orgânica e espaço simbólico. O corpo é o próprio sujeito que, significado através do olhar, pode ser objeto de cuidado, de beleza, de prazer ou insatisfação e repúdio. O conceito de corpo se constitui assim na relação sujeito/história e interpelado pela ideologia.

Quando falamos de corpo, não poderíamos é claro deixar de falar de práticas corporais e, sobretudo de estética. Nos anos 80 nos EUA explodiu uma prática integrante da cultura do corpo, mais especificamente a cultura dos músculos, e passou a ser o novo espetáculo nas ruas, graças à presença marcante dos *body-builders*, como a forma peculiar de andar: “braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O *body-builder* não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente.” (COURTINE, 2005, p.82).

O desenvolvimento de bens e serviços visando o corpo e sua manutenção foi relevante nos anos 80, como a grande quantidade de fabricação de aparelhos de musculação, os suplementos e regimes nutricionais, revistas, academias, dentre outros. Toda uma rotina, um modo de vida característico dos *yuppies* (jovens profissionais urbanos) seguidores da cultura do músculo.

Dentro dessa perspectiva, o consumismo aumentou consideravelmente e de modo literal: um consumo orgânico excessivo (energia) e econômico (suplementos, academia, aparelhos, revistas, etc.). Desde então, as representações e práticas corporais na sociedade passam a se sustentar por uma obsessão dos invólucros corporais: “o desejo de obter uma tensão máxima na pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem;” (COURTINE, 2005, p.86), ou seja; a manifestação mais explícita do “narcisismo”.

A prática de *body-building*, assim como as demais que supervalorizam o corpo, trazem consigo um ideal de transformação, na verdade, um ideal de renascimento do indivíduo, este que se metamorfoseia em um outro, que “passa por uma conversão corporal” (COURTINE, 2005, p.89). Em consequência, a cultura do corpo tornou-se uma paixão americana, ocupando as horas de lazer e tornando-se um hábito rotineiro.

Nesse contexto, os esportes – especialmente o futebol americano – ganharam força, fundamentando assim a prática de educação física, sobretudo a saúde, a virilidade e os músculos desde o colégio. Com a virada do século o corpo continuou em foco, o

corpo entendido aqui como ideal corporal masculino de classe média e branco, o que veio a reafirmar um discurso atentando o machismo em oposição ao “sexo frágil” e, além disso, um discurso que atesta que “A fraqueza é crime” (COURTINE, 2005).

No entanto, vale ressaltar que, no caso das mulheres a saúde feminina passou a ser ligada à garantia de boa qualidade da reprodução da raça, e a prática de esportes se tornou mais frequente entre elas. É notável assim que, os corpos – independente de sexo – acabam se tornando peça chave para a ascensão e promoção individual, e mesmo uma mercadoria. “A beleza é um capital, a força, um investimento; todos dois são mercadorias cujo valor de troca vai crescer ao longo do século.” (COURTINE, 2005, p.98).

Na verdade, o corpo torna-se fonte de prazer para si e para os outros. O bem-estar, o desejo de renovação corporal, bem como a satisfação das mínimas necessidades passa a guiar o modo de vida dos indivíduos, e para atingir tais expectativas práticas diversas como o *body-building* e mesmo outros sacrifícios são feitos em servidão da aparência e ao culto ao corpo. Dessa maneira, o corpo se institui na sociedade, portanto, como objeto de espetáculo.

A medicina e seus avanços contribuíram/contribuem decisivamente no que se refere à noção de corpo na contemporaneidade. No contexto da busca incessante pelo corpo ideal, um outro discurso ganha espaço e mercado significativo na vida das pessoas: a estética. De fato, a masculinidade esteve sempre ligada à força, enquanto que a feminilidade à beleza. No entanto, com a instituição de padrões de beleza, conseqüentemente, desenhamos fisionomias, ditamos a moda e a concepção de feiúra atingiu não só o universo feminino mais também atingiu o universo masculino.

Entre os anos de 1900 e 1930 a feiúra e os mais variados defeitos eram considerados doenças e, portanto, deveriam ser tratados com remédios. A partir dos anos 60 com uma maior exibição do corpo a cosmetologia e a indústria da beleza ganha destaque mundial e o objetivo agora dos cosméticos não é somente o de disfarçar as imperfeições, mas também preveni-las e, sobretudo realçar a beleza natural.

As revistas e manuais de beleza ganham destaque, ainda mais pelo fato de esses serem escritos por profissionais ligados a beleza e a saúde. Assim, o corpo ganha visibilidade, é explorado e desejado. É inegável que o corpo, e conseqüentemente as práticas corporais como o *body-building* ganharam espaço e destaque nas culturas corporais, visando essencialmente o prazer e a satisfação. Além disso, tal cultura se mantém graças aos resquícios dos princípios religiosos – puritanismo –; a uma indústria e publicidade pesadas, e ao mercado de músculos cada vez maior que faz desencadear em uma “luta de aparências”. A busca da beleza não se justifica mais apenas pela a opinião

do outro, para inserir-se na sociedade ou combater a feiúra, mas tornar-se essencialmente uma necessidade de satisfação pessoal. Dessa maneira, o corpo se institui na sociedade, portanto, também como objeto de espetáculo.

4. O CORPO DOS BONECOS E AS DETERMINAÇÕES NA HISTÓRIA

Os corpos dos bonecos adultos retomam uma representação do corpo humano de uma maneira muito forte para as crianças, de tal forma que elas estabelecem relações destes corpos com a vida real. O corpo dos bonecos tem características específicas: é feito de plástico ou borracha, tem cores, articulações e muitos acessórios.

Quando tratamos dos corpos dos bonecos masculinos, percebemos que estes foram se modificando ao longo do tempo. De fato não é de se estranhar, já que a partir do século XIX, segundo Courtine (2008), o modelo padrão de corpo passa a ser atravessado por discursos da medicina, da estética, do político e mesmo do religioso. A prática de exercícios físicos passa a ser tanto um dever cristão como civil, além de exibir saúde e perfeição estética. Na constituição da prática do *bodybuilding* (COURTINE, op.cit.), o músculo tornou-se socialmente aceitável (isto é) visível no corpo masculino, este que passam a ser qualificado como perfeito se musculoso.

Ao falarmos dos brinquedos masculinos não poderíamos deixar de retomar aos *G. I. Joe*, ou mais conhecidos no Brasil como “Comandos em Ação” e a figura do Falcon. Os *G. I. Joe* se tratam de bonecos articulados de doze polegadas, projetados desde 1963, foram criados exclusivamente para os meninos, os quais representavam figuras de soldados do governo (expressão implícita na sigla *G.I – Government Issue*). O sucesso foi tamanho que a partir dessas figuras, foram criadas revistas em quadrinhos, desenhos animados e filmes referentes a eles.

No Brasil, os “Comandos em Ação” ganharam maior visibilidade em 1984, com a queda na venda dos Falcons, este que também era um boneco masculino que foi projetado a partir dos *G. I. Joes*. Os Falcons foram lançados pela empresa Estrela em 1978 com um perfil de soldado assim como os *G. I. Joe*, no entanto, com objetivos e estilos de batalhas diferentes. O Falcon, não somente lutava com o inimigo, mas também tinha por missão enfrentar a natureza, bem como os animais ferozes (tubarões, gorilas, polvos, etc).

5. “BONECAS MASCULINOS”²



Figura 1: Ken

(Fonte: <http://www.manbehindthedoll.com>)

Quanto à criação desses bonecos masculinos, vale ressaltar que, de início os pais dos meninos ficaram receosos, uma vez que seus filhos homens estavam teoricamente “brincando de bonecas”. Posteriormente, com a definição dos brinquedos e dos acessórios que vinham junto aos bonecos, tais como armas, facas, bombas, além da fisionomia barbada destes, características não femininas, os pais passaram a lançar um olhar diferente para tais brinquedos. Desde então, outros brinquedos com feições de bonecos masculinos foram surgindo, como os *Power Rangers*, o Ken, o Max Steel, e outras figuras representando soldados, bombeiros, policiais, dentre outras profissões consideradas essencialmente masculinas.

Para tratar dos corpos dos bonecos masculinos, bem como as suas transformações ou não, neste estudo nos detemos a olhar dois destes: o Ken e o Max Steel. O boneco Ken, apareceu pela primeira vez, em 1961, com um tom masculino, mais tímido, representando uma imagem de inocência, tal qual é possível observar na Figura 1 (acima). A análise dessa figura em comparação com as dos personagens G. I. Joe, por exemplo, permite compreender que ele surge em um discurso/situação bastante distinta da de outros bonecos masculinos, pois ele não se justifica, como veremos, por seus músculos ou missões e combates do qual participaria, mas sim por uma presença feminina. Ele mesmo é significado como boneca “doll”.

Ken surgiu pela necessidade de se dar um namorado a Barbie, uma vez que a finalidade primeira desta boneca era a educação das meninas, ela aparece como um mecanismo para ensinar boas maneiras, tornando as meninas verdadeiras *little ladies*. Com o aparecimento do Ken, a Barbie estaria inserida em novos contextos, se tornaria assim, mais real e exigindo novos cenários, novas roupas e acessórios para adaptar as

² O termo boneca/boneco normalmente é usado quando se faz referências a brinquedos femininos. Ao tratar de brinquedos masculinos, o termo utilizado, como foi averiguado nesta pesquisa, é figuras de ação. Optou-se por este subtítulo por ele trazer o deslocamento reconhecido do sentido da boneca, como brinquedo, para brinquedo feminino somente, num movimento determinado historicamente de delimitação de gêneros.

situações de bailes, encontros e namoro, ou seja, estratégia que renderia lucros para a Mattel.

Quanto ao Ken, vale fazer alguns apontamentos interessantes. Nos primeiros anos, apesar de a Barbie ser versátil em suas vestimentas, Ken apareceu com trajes de banho e com apenas uma roupa de festa (para acompanhar a Barbie) e como estudante. A partir de 1968, que ele ganhou uma nova versão, não muito significativa. Como Barbie e Ken eram namorados, o público esperava o casamento e posteriormente, os filhos do casal. No entanto, apenas encontramos registros de uma versão da Barbie grávida e que ainda teve pouca circulação no mercado.

Depois de alguns anos, Ken deixou de ser seu namorado, passando a ser apenas um amigo. Assim, ele ganhou profissões reconhecidas como masculinas, tais como médico, piloto, lutador de boxe, etc. Novas versões que já implicavam os sentidos de virilidade, masculinidade e força ao boneco, reafirmando a política dos músculos.

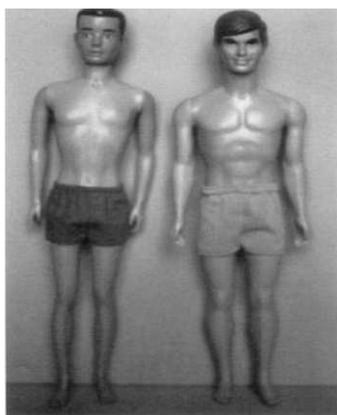


Figura 2: Transformações em Ken: 1961 e 1970

(Fonte: Pearson e Mullins (199 p. 245))

Quanto à terminologia bonecos para brinquedos masculinos fazemos uma ressalva. Hoje os bonecos masculinos, não mais são conhecidos assim, mas na verdade como “figuras de ação” - terminologia que apareceu com os próprios *G. I. Joes (action figure)* - já não mais possuem uma imagem tímida e inocente, como a versão inicial do boneco Ken, eles são extremamente fortes, e devem materializar os sentidos de coragem, rapidez e eficiência. Os brinquedos da linha Max Steel, por exemplo, são definidos como “figuras de ação” e reconhecidos pela própria empresa como “um super-herói inteligente e forte na medida certa, modelo exemplar para crianças, um herói que luta incessantemente contra o mal. Combinação única de fantasia e realidade”. (ROVERI, 2008).

Apesar de os bonecos Ken e Max Steel se apresentarem como figuras corporais masculinas o discurso de “masculinidade” representado por tais figuras é diferente. Ken é

um boneco cuja clientela enfocada é a de meninas e cuja existência se justifica por uma personagem principal feminina, a Barbie. Ou seja, Ken é visto como mais um acessório da Barbie. Já o Max Steel e outros da mesma linha são, diferentemente, chamados de figuras de ação e visam ganhar a clientela masculina. São brinquedos criados para os meninos, para lutas, corridas, etc. Estas denominações perpassam também questões de gênero, que são por sua vez, culturalmente construídas. Essas questões não foram, entretanto, enfocadas neste estudo.



Figura 3: Max Steel
(Fonte: Arquivo pessoal)

O que está em discussão nesse momento é o corpo desses brinquedos, essa materialidade que representa um corpo masculino, um modelo de corpo para a sociedade, e que (re)produz normas e valores sociais e estéticos.

Um corpo musculoso, forte e viril (tirado de academias, imagens publicitárias e veículos de entretenimento) vem historicamente se tornando o referencial de corporeidade masculina, enquanto corpos que desviam deste padrão são comumente satirizados ou mesmo excluídos da mídia. (ARAÚJO, 2007).

O caráter de masculinidade constrói uma imagem corporal, antes aspectos como barba e outros pêlos corporais indicavam virilidade, hoje os indicativos de tal característica são os músculos. (Glassner, 1989). O corpo dos bonecos adultos, representando pelas figuras do Ken e do Max Steel, por exemplo, vem justamente como uma reafirmação da necessidade de um corpo musculoso. Assim, os formatos dos corpos masculinos, obrigatoriamente/discursivamente, tiveram de ser modificados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar, neste estudo, de materialidades não verbais de circulação mundial foi uma tarefa delicada. Além disso, por inserir nos estudos da Análise do Discurso, uma disciplina que por essência é interpretação, e não empírica como as demais, exige uma postura de refinar o olhar sobre questões antes não pensadas, um deslocamento do conceito de corpo empírico e biofísico para um corpo discursivo, um corpo de linguagem.

Os corpos são historicamente marcados, são afetados e determinados pelos movimentos na história, pelos discursos e pelo olhar que é lançado pelo sujeito, portanto uma materialidade interconstitutiva das posições discursivas. O corpo agora é observado como condição de produção de formas e sentidos na história.

Para a Análise de Discurso, a consideração do corpo como fato de análise é relevante por tratar de um tema relacionado ao subjetivo, àquilo que funda o sujeito em sua condição simbólica, a uma materialidade que o constitui, que é afetada pela memória discursiva e que também determina sentidos. A leitura do corpo como linguagem possibilita e reafirma o deslocamento do corpo biológico, natural, para o corpo simbólico, cujos sentidos se constituem na e pela história em sua origem ideológica. (HASHIGUTI, 2008)

Os bonecos e/ou figuras de ação além de brinquedos, também se apresentam como representações de corpos ideais masculinos na sociedade. Essa imagem de corpo mudou ao longo dos anos, acompanhando, sobretudo o conceito de masculinidade, definido hoje pelos músculos, estes que por sua vez, devem ficar visíveis. Quanto à denominação ora de bonecos, ora de figuras de ação, também são determinadas, em última instância por questões de gênero. Ken é um boneco masculino, pois sua existência se faz graças à personagem feminina, ele é um acessório, uma propriedade da Barbie. Ele é um boneco, pois é um brinquedo de menina.



Figura 4: Ken

Fonte: <http://www.manbehindthedoll.com>

Max Steel não depende de outra figura, sua função não é ser namorado ou amigo de alguém, ele deve salvar o mundo, lutar, enfrentar perigos, ele é uma figura de ação, um brinquedo para os meninos e ator principal.

O conceito de corpo, bem como seu formato, cor, padrão, se relaciona aos discursos e diferentes posições ideologicamente determinados. Ao longo da história, ocorrem movimentos de repetição, deslocamento e reformulação. A necessidade em discutir como esses movimentos acontecem ao se tratar dos corpos dos bonecos masculinos, bem como uma teoria sobre o corpo pelo viés da linguagem, os quais foram os enfoques do nosso trabalho.

Acredita-se, que esta pesquisa traz contribuições para com a teoria discursiva, com elaboração de conceitos ainda pouco trabalhados, como também aos estudos na área sobre linguagem de maneira geral.

REFERÊNCIAS

BEIRAS, Adriano; Alex LODETTI, Alex; CABRAL, Arthur Grimm; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; RAIMUNDO, Pablo. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade Print version** ISSN 0102-7182. Psicol. Soc. vol.19 no. 3 Porto Alegre Sept./Dec. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000300010&script=sci_arttext&tlng=pt> Acessado em: 20/01/2010

BUTLER, J. (1993). **Bodies that matter**: On the discursive limits of "sex". New York: Routledge.

COURTINE, J. J. (org.) **História do Corpo** – Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX. (trad. de E. F. Alves). Petrópolis: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean- Jacques. **O desaparecimento dos monstros**. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=155&ID=106&ParamEnd=9> Acesso em: 23/08/2009.

GARCIA, Claudia. **Barbie: mais de 40 anos de história**. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/barbie.htm> Acessado em: 09/12/2009

GLASSNER, B. (1989). Men and muscles. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), **Men's Lives** (pp. 252-261). Boston: Allyn and Bacon.

HASHIGUTI, S. **Corpo de memória**. Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada. 63 f. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ªEd. São Paulo: Pontes, 2007.

_____. Vão Surgindo sentidos. In: **Discurso Fundador**. 3ªEd. Campinas: Pontes: 2003. p. 11-25.

PEARSON, Marlys; MULLINS, Paul R. **Domesticating Barbie: an archaeology of Barbie material culture and domestic ideology**. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 3, n. 4, p. 225-259, 1999.

ROVERI, F. T. **Barbie: tudo o que você quer ser...: ou considerações sobre a educação de meninas**. Tese de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Documentos eletrônicos:

Site da Barbie. Disponível em: <<http://barbiestyle.barbie.com/history.aspx>> Acesso em: 10/04/2011

Site do Max Steel. Disponível em: <www.maxsteel.com> Acesso em: 10/04/2011

Site do Ken. Disponível em: < www.manbehindthedoll.com> Acesso em: 10/04/2011